

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Lucas Giachetto de Araujo

# **Rugby nos Jogos Olímpicos (1918-1928)**

**CAMPINAS**

**2019**

**Lucas Giachetto de Araujo**

## Rugby nos Jogos Olímpicos (1918-1928)

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

Ar15r Araujo, Lucas Giachetto de, 1994-  
Rugby nos Jogos Olímpicos (1918-1928) / Lucas Giachetto de Araujo. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Rugby. 2. Jogos olímpicos. I. Giglio, Sérgio Settani. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** Rugby at the Olympic Games (1918-1928)

**Palavras-chave em inglês:**

Rugby

Olympic games

**Titulação:** Bacharel

**Banca examinadora:**

Victor Ramalho de Sá Antonio

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 24-06-2019

**Comissão Julgadora**

Sérgio Settani Giglio  
**Orientador**

Victor Ramalho de Sá Antonio  
**Banca Examinadora**

## **Agradecimentos**

Para chegar até esse momento, muitas pessoas cruzaram meu caminho e foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Tentarei colocar todas que tiveram um papel importante para que eu trilhasse um caminho até o rugby e a educação física.

Inicialmente, gostaria de agradecer a minha mãe, que mesmo não gostando de esporte, muito menos de que jogue qualquer coisa me apoiou a fazer educação física. Desculpa por sempre me machucar, por voltar de madrugada dos treinos, por te acordar quando chego e por reclamar de estar com dor. Obrigado mãe por ter me ajudado na recuperação das duas cirurgias. E eu vou me formar (talvez você só leia isso depois de eu me formar).

Gostaria de agradecer meu pai, por ter me ensinado a gostar de esporte, por me apoiar a voltar a jogar mesmo após as cirurgias, por me levar para os jogos e treinos do outro lado da cidade, para fisioterapia, pra pegar ônibus depois do SENAI. Obrigado também pelas discussões sobre futebol e política, foram fundamentais para minha formação pessoal.

Agradeço também ao pessoal do Indaiatuba Rugby Clube - Tornados, que foi por onde conheci o rugby, sendo minha única equipe e que aprendi a maioria das coisas do rugby (positivas e negativas). Agradecer o Vinícius Fonseca, vulgo Pirulão, por ter me convidado para treinar, pois sem isso não estaria fazendo esse trabalho.

Agradeço aos meus amigos do ensino médio, Gustavo, Nino, Philip, Leitão, que apesar de termos nos distanciado por conta das mudanças dos caminhos pessoais, foram importantes para minha vida, seja na escola, trabalhando juntos ou nos rolês aleatórios. Agradecer em especial ao Philip e sua família que me ajudaram no começo da graduação, deixando eu morar junto com eles, enquanto eu não conseguia uma casa.

Sou grato também às amigadas que fiz na faculdade. Em especial os amigos da minha turma 014 e a equipe de handebol.

Agradeço à todos professores e funcionários da FEF, em especial o professor Sérgio, que possibilitou a realização da pesquisa, tanto com o material, como na leitura e correção dos textos que lhe enviei.

Agradecer minha namorada, Juliana, que me apoiou muito durante a produção da pesquisa. Obrigado por aguentar eu reclamando de que tenho muita coisa pra fazer, por entender que eu sempre tenho jogo e principalmente me apoiar em tudo.

Sou grato ao meu irmão Matheus, que apesar de estar um pouco distante, sempre me apoiou.

Gostaria de agradecer meu irmão e companheiro de campo Thiago, que foi meu exemplo em tudo. Não sei o que falar dele, que me levava pra escola na primeira série, para os treinos do vôlei, me ajudava nas tarefas, que me ajudou a me manter na faculdade. Obrigado pelas partidas de rugby, pelos tackles salvadores, pelos pacotes que levou de mim e pelas resenhas sobre como o treino tá ruim. Quando crescer quero ser igual você.

Por fim, a todas as pessoas que esqueci de mencionar, mas que passaram na minha vida.

ARAUJO, L. G. **RUGBY NOS JOGOS OLÍMPICOS (1918-1928)**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

## **Resumo**

Esse estudo busca compreender como o rugby se desenvolve no período entre 1918 e 1928 dentro do movimento olímpico. Esse período compreende os dez primeiros anos do fim da Primeira Guerra, que culmina na exclusão do rugby dentro do programa olímpico. Para isso foi feita uma pesquisa histórica documental, através de minutas dos congressos e sessões do Comitê Olímpico Internacional, para entender como se deu o processo de exclusão da modalidade. A pesquisa também traz apontamentos sobre o rugby e seu desenvolvimento, o amadorismo e o olimpismo.

Palavras chaves: rugby, Jogos Olímpicos

ARAUJO, L. G. **RUGBY AT THE OLYMPIC GAMES (1918-1928)**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

### **Abstract**

This study seeks to understand how rugby developed between 1918 and 1928 within the Olympic movement. This period comprises the first ten years after the World War I, period during which occurred the exclusion of rugby from the Olympic program. For this, a documentary historical research was done, through minutes of the congresses and sessions of the International Olympic Committee, to understand how did the process of exclusion of the modality occurred. The research also brings notes on rugby and its development, amateurism and Olympism.

Key words: rugby, Olympic Games

## Lista de Siglas e Abreviaturas

COI	-	Comitê Olímpico Internacional
EUA	-	Estados Unidos da América
FA	-	<i>Football Association</i>
IRB	-	<i>International Rugby Board</i>
NRL	-	<i>National Rugby League</i>
NU	-	<i>Northern Union</i>
RFU	-	<i>Rugby Football Union</i>
USFSA	-	<i>Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques</i>

## Sumário

<b>1. Introdução</b>	<b>10</b>
<b>2. Método</b>	<b>12</b>
<b>3. Referencial teórico</b>	<b>14</b>
3.1 Rugby	14
3.1.1 Rugby: formação e o mito fundador	14
3.1.2 Além das Ilhas Britânicas	16
3.2 Jogos Olímpicos, Coubertin e Colonialismo	21
3.3 A questão do amadorismo	24
3.3.1 No rugby	24
3.3.2 Nos Jogos Olímpicos	27
<b>4. O Rugby nos Jogos Olímpicos</b>	<b>30</b>
4.1 Paris 1900	30
4.2 Londres 1908	31
4.3 Sessão - Lausanne 1919	31
4.4 Antuérpia 1920	32
4.5 Sessão - Antuérpia 1920	32
4.6 Congresso - Lausanne 1921	33
4.7 Paris 1924	35
4.8 Congresso - Praga 1925	35
4.8 Sessão - Praga 1925	36
4.9 Sessão - Lisboa 1926	36
<b>5. Conclusão</b>	<b>38</b>
<b>6. Referências</b>	<b>42</b>
6.1 Fontes	43

## 1. Introdução

Para entender o rugby é necessário compreender como ocorre o seu processo de esportivização. Para tal, tomemos como ponto de partida a unificação das regras praticadas pelas diferentes entidades que jogavam o *football* da *Rugby School*, ocasionando à fundação da *Rugby Football Union* (RFU), em 1871, que vem regulamentar as práticas do *football rugby*. Outras nações do Reino Unido criaram suas próprias federações nos anos subsequentes, sendo a da Escócia em 1873, Irlanda em 1879 e a do País de Gales em 1880<sup>1</sup>.

Com as federações nacionais formadas, gerou um anseio pela competição entre elas, surgindo o primeiro campeonato internacional, denominado *Home Nations*, composto pelos quatro países do Reino Unido, em 1883. Essa competição se transformou no atual *Six Nations*, com a entrada da França e da Itália<sup>2</sup>. Porém, somente em 1886 que houve a criação de uma federação internacional da modalidade, a *International Rugby Board* (IRB), na qual a Inglaterra se filia somente em 1890<sup>3</sup>. A IRB atualmente se chama *World Rugby*, tendo 105 federações em seu ranking e responsável pelas principais competições, tanto na modalidade XV como no 7s (*sevens*), como a Copa do Mundo de Rugby (*Rugby World Cup*) e o Circuito Mundial de Rugby 7s (*HSBC Sevens Series*)<sup>4</sup>. Dentro dos Jogos Olímpicos, o rugby XV esteve presente em quatro edições, no período entre 1900 e 1924, e o 7s em uma, no Rio de Janeiro em 2016.

Apesar das poucas aparições dentro do programa olímpico, o rugby é um esporte que é muito popular, com grandes públicos desde sua época amadora. Isto me levou a questionar o que levou o rugby sair dos Jogos Olímpicos, pois seu aspecto amador perdurou por muito mais

---

<sup>1</sup>Rugby Football Union. (s.d.). *History of the RFU*. Acesso em 14 de Abril de 2018, disponível em: <<http://www.englandrugby.com/about-the-rfu/history-of-the-rfu>>

<sup>2</sup>Six Nations. (s.d.). *Roll of Honour*. Acesso em 14 de Abril de 2018, disponível em: <[https://www.sixnationsrugby.com/en/championship/roll\\_of\\_honour.php](https://www.sixnationsrugby.com/en/championship/roll_of_honour.php)>

<sup>3</sup>Rugby School. (s.d.). *A History of Rugby Football*. Acesso em 15 de Agosto de 2018, disponível em: <<https://www.rugbyschool.co.uk/about/history/a-history-of-rugby-football/>>

<sup>4</sup>World Rugby. (s.d.). *World Rankings*. Acesso em 14 de Abril de 2018, disponível em: <<https://www.worldrugby.org/rankings/mru>>

tempo que outras modalidades que permaneceram no programa, como o futebol por exemplo. Aliado a sua saída, entender como foram os eventos que o rugby esteve presente, quem participou e seus impactos.

Para isso, foi realizada uma pesquisa através de documentos oficiais do Comitê Olímpico Internacional (COI), assim como a utilização de uma bibliografia de autores que estudam o movimento olímpico e o rugby, numa perspectiva histórica.

## 2. Método

Para tal pesquisa, a definição do método foi através da leitura de obras que buscam definir a pesquisa histórica, seus princípios e limitações. Os autores utilizados foram Bloch (2002) e Arostégui (2006).

A escolha do período estudado, conforme Bloch (2002, p. 52) é uma definição que cabe ao historiador definir, sendo assim, o período estabelecido compreende do fim da Primeira Guerra (1918) a última edição dos Jogos com a presença do rugby XV como modalidade oficial (1928). Foi durante esse período que houve a presença do rugby em dois eventos (1920 e 1924) e a ausência do rugby em 1928, que gerou a exclusão da modalidade até 2016.

O limite da pesquisa em história é que o historiador não está presente no mesmo tempo do seu objeto de estudo, se tornando refém dos relatos. Assim, qualquer relato é apenas uma parte da história, pois cada um dos presentes tem uma visão, uma análise sobre o que aconteceu (BLOCH, 2002, p. 70). Outra questão é que, como se estuda o passado, o ocorrido não se modificará mais, e todas as provas, vestígios e documentos já foram produzidos, contudo, a interpretação do passado pode ser alterada, daí a importância da pesquisa histórica.

Arostégui (2006, p. 43) trata a história como uma ferramenta em função do poder, que não constitui um conhecimento como da matemática ou da geografia, ela não é neutra e o domínio desse poder têm interesses, ideologias etc. Na sequência ele segue com as duas funções do historiador: “imaterialidade do histórico como fato puramente cultural e a subordinação de seu conhecimento a conhecimentos externos”.

Por conta disso, foram utilizados como fonte para análise documental os documentos oficiais das reuniões do COI, do período estabelecido. Esse material foi disponibilizado pelo professor orientador, sendo coletada para outras pesquisas na própria sede do COI em Lausanne, Suíça. Na análise dos documentos, muitas informações são dadas explicitamente, mas, para fazer uma

análise crítica, é necessário investigar o que foi omitido. Para isso, é interessante ter mais de uma fonte para a busca de informações. Dentro dessas fontes, foi consultado as justificativas oficiais e se as mesmas são apresentadas nos documentos deixados. Além da análise documental, será necessário um entendimento do que se passava na época, levando em conta aspectos interligados ao esporte, como política, economia etc.

Bloch (2002) ressalta diversas vezes em sua obra que a história estuda as mulheres e os homens no tempo, assim, para que a análise histórica seja realizada, é necessário entender que o rugby, como outros fenômenos socioculturais, é uma manifestação que está diretamente ligada às ações humanas. Portanto, se faz necessário, nesse contexto, investigar como as pessoas envolvidas no desenvolvimento da modalidade no âmbito institucional interferiram para que a modalidade fosse retirada do programa olímpico. Existe a questão de que as pessoas apresentam contradições que inviabilizam uma análise lógica dos fatos através dos vestígios deixados pelos mesmos. Além disso, não basta “aprender os fatos, mas sobretudo como se estabelecem os fatos” (AROSTÉGUI, 2006, p. 53).

Bloch (2002) ainda fala que conhecer as partes não lhe fará conhecer o todo, e provavelmente nem conhecerá as partes, assim, para entender o rugby, que é uma parte dos Jogos Olímpicos, é necessário compreender o todo. Como exemplo, analisar modalidades que foram excluídas no mesmo período e entender esse processo, para ser possível traçar um paralelo com o rugby, caso não esteja explícito o que o levou à exclusão dos Jogos.

Por fim, entender porque o fato se deu naquele momento (BLOCH, 2002). Pois isso torna possível o diálogo com os anos recorrentes dos Jogos e do rugby como um esporte não Olímpico, e seus desenvolvimentos, chegando até os dias atuais e o retorno do rugby, na modalidade 7s, em 2016.

### 3. Referencial teórico

O referencial teórico foi dividido em três partes, que apesar de estarem relacionadas e se cruzarem, elas seguem linhas diferentes, com autores que pouco se conversam. Assim, ficou dividida em: *Rugby; Jogos Olímpicos, Coubertin e Colonialismo e A questão do amadorismo*.

No rugby, trago como ocorreu o processo de esportivização do rugby e o seu desenvolvimento pelo mundo. Na parte dos Jogos Olímpicos, trato como o olimpismo ajuda a justificar a colonização pelos países imperialistas europeus, através da figura de Coubertin. E por fim o amadorismo, como ele está nos dois primeiros temas defendendo interesses de uma elite.

#### 3.1 Rugby

##### 3.1.1 Rugby: formação e o mito fundador

O rugby é um esporte de origem inglesa que surge no século XIX, dentro das *public schools*, sendo muito popular nas antigas colônias britânicas. Sua origem é amplamente difundida pela lenda de Webb Ellis, que era aluno da *Rugby School* e durante uma partida de futebol, pegou a bola na mão e atravessou o campo, indo contra as leis do jogo, o que viria a ser aceito nesse novo esporte que ele criou<sup>5 6 7</sup>. Essa história passa a ser tida como verdadeira quando o jornal *The Meteor* publica o relato de Bloxam, que supostamente estava presente no dia que ocorreu esse evento<sup>8</sup>, e assim nasce a figura de Webb Ellis como o mito fundador do rugby.

---

<sup>5</sup>Rugby School. (s.d.). *A History of Rugby Football*. Acesso em 15 de Agosto de 2018, disponível em: <<https://www.rugbyschool.co.uk/about/history/a-history-of-rugby-football/>>

<sup>6</sup>New Zealand Rugby. (s.d.). *Rugby's history*. Acesso em 15 de Agosto de 2018, disponível em: <<http://www.nzrugby.co.nz/about-us/history/rugby-s-history>>

<sup>7</sup>NAURIGHT, John. (2018). *Rugby*. Encyclopædia Britannica. Acesso em 15 de Agosto de 2018, disponível em: <<https://www.britannica.com/sports/rugby>>

<sup>8</sup>(BLOXAM, Matthew. *The Meteor*, número 157, 1880. apud: ANTONIO, 2017, p. 28-29).

Chauí (2000, p. 9) aponta uma questão importante sobre a diferença entre fundação e formação. A formação, segundo a autora, remete a um processo histórico que está ligado à diversos fatores, não só econômicos, sociais e políticos, mas também nas transformações dentro de um processo temporal. Já a fundação é como um ato que emana da sociedade, transcendendo o momento e que sustenta e justifica no curso do tempo um acontecimento. Nisso, o mito fundador surge como alguém que “oferece um repertório inicial de representação da realidade” (p. 9). Assim Chauí (2000, p. 9) define e justifica o uso do termo:

Se também dizemos mito *fundador* é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela.

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

Considerando isso, Webb Ellis é o mito fundador do rugby, tendo sua transgressão da regra como fundação do esporte, sendo esse grandioso ato algo épico, digna dos grandes homens da história e, além disso, uma ótima forma de espalhar o esporte entre as pessoas.

Contudo, o objetivo da pesquisa não está na figura do mito fundador, tampouco desqualificá-lo, tratando-o como inútil, mas em entender o processo da formação do rugby como prática, suas rupturas e continuidades dentro da sociedade e dentro das suas estruturas.

Antonio (2017, p. 26) aponta que os jogos com bolas surgem de variações dos jogos de *folk-football*, que eram práticas desregradas de jogo com bola, praticadas nas ruas das cidades e no campo, que causavam muitos problemas para as autoridades, visto que esses não continham regras definidas e poderiam desencadear desordem pública. Em contrapartida, dentro das *public*

*schools*, o jogo de *folk-football* não gerava problemas à ordem pública, visto que o ambiente era controlado.

Em 1840, o diretor da *Rugby School*, Thomas Arnold, busca melhorar as relações sociais e os conflitos encontrados na sua escola, de acordo com os ideais da burguesia ascendente, incentivando as práticas coletivas, a contenção das emoções, a diminuição da violência, no que Elias (1992) chama de processo civilizatório, tornando necessária a transcrição das regras.

Elias e Dunning (1992) trazem as mudanças da sociedade inglesa como um fator importante para a criação dos esportes modernos. Nesse processo, eles apontam como o Estado passa a ser o “detentor do monopólio da força física e da violência legítima”, junto com o aumento do poder real e a pacificação dos guerreiros. Como consequência, houve uma valorização do autocontrole, tanto das emoções como da agressividade, que pode ser observada até nas normas de etiqueta. É destacado o processo de “parlamentarização” da classe dos proprietários rurais da Inglaterra, na qual trocam a violência por ações não violentas, como a retórica e a persuasão para resolver os problemas políticos, da qual Elias e Dunning consideram como um avanço de civilização. Assim, a violência passa a ser repudiada pela sociedade inglesa, interferindo no *habitus* social dos cidadãos e modificando inclusive seus passatempos. Desse modo, os autores concluem que “a ‘parlamentarização’ das classes de proprietários rurais da Inglaterra teve assim seu equivalente na ‘esportificação’ dos seus passatempos” (ELIAS e DUNNING, 1994, p. 43 apud LOPES, 1995, p. 147). Vale ressaltar que esse processo que Elias desenvolve não deve ser tratado como uma relação de causa-efeito, de forma direta, quase equacional, mas como um longo processo.

### **3.1.2 Além das Ilhas Britânicas**

Fora do Reino Unido, o rugby, assim como outras modalidades como o futebol e o críquete, teve papel importante na expansão cultural dos britânicos nas suas colônias no final do

século XIX e começo do século XX. Países como Austrália, Nova Zelândia e África do Sul que são as principais forças da modalidade, além de serem ex-colônias britânicas, apresentam contextos completamente diferentes em relação ao esporte em questão e sua popularização.

Na Austrália, o rugby tem conflito em relação à popularização com outra forma de jogar *football*, o futebol australiano, esse praticado principalmente na região de Melbourne. Nas regiões de Sydney e Brisbane, a massificação do rugby gerou uma pressão pelo profissionalismo, que teve como reflexo a admissão do *Rugby League*<sup>9</sup>, deixando o *union* praticado quase que exclusivamente nas escolas das classes mais ricas. Atualmente, o *league* é a forma mais popular no país, com a *National Rugby League* (NRL), sendo a principal liga da modalidade (ANTONIO, 2017).

Tanto na África do Sul quanto na Nova Zelândia, o rugby serviu como uma ferramenta de identidade nacional fosse dentro do país ou fora dele, porém seus contextos e como isso foi utilizado são extremamente diferentes. Na Nova Zelândia, o rugby desde o início foi difundido entre a população branca e a maori, já no país africano, ele teve aderência de grande parte da comunidade *bôer*<sup>10</sup>. Em relação aos seus selecionados, a África do Sul, conhecida como *Springboks*, era restrita aos brancos, o que passava a clara imagem da política segregacionista do país. Já no caso neozelandês, desde suas primeiras aparições na Europa já tinham maoris nos seus elencos, sendo inclusive motivo de orgulho dos povos nativos (ANTONIO, 2017).

O caso da África do Sul em relação ao segregacionismo racial no rugby durou muitos anos e suas consequências são vistas até hoje. Como forma de demonstrar isso, pode-se citar o primeiro jogador negro a vestir verde e ouro<sup>11</sup> foi Errol Tobias, em 1981<sup>12</sup>, sendo afastado por

---

<sup>9</sup> Rugby league é um derivado do rugby union, mas jogada com treze jogadores, que surge na cisão dos clubes do norte da Inglaterra com a RFU, por conta do profissionalismo.

<sup>10</sup>Comunidade descendente de colonos, principalmente de origem dos Países Baixos, que se estabeleceram na África do Sul. Desenvolveram uma língua própria, o *africâner*, que apresenta influência de algumas línguas nativas da África do Sul.

<sup>11</sup>Menção às cores do uniforme da seleção sul-africana.

conta da pressão que as pessoas a favor da política da *apartheid* faziam. Já o primeiro capitão negro dos *Springboks* em uma partida oficial foi Siya Kolisi<sup>13</sup>, em 2018. Outro entrave que a política da *apartheid* causou no rugby foi a proibição da África do Sul de disputar as duas primeiras Copas do Mundo (1987 e 1991), além de alguns países se negarem a realizar amistosos com os *Springboks*<sup>14</sup>.

Saindo dos países que pertenceram ao Império Britânico, temos Japão, Argentina e França como os principais representantes de seus continentes. Outros países aparecem mais recentemente como importantes no cenário do rugby, como a Itália e Geórgia e as pequenas nações do Pacífico, como Fiji, Samoa e Tonga. Focarei nos três primeiros países citados.

No Japão, a origem do rugby e o seu desenvolvimento está relacionada à imagem de Ginnosuke Tanaka e Edward Bramwell Clarke, junto com a industrialização do país. Durante este processo, houve a implementação de um sistema educacional aos moldes do britânico, além de parte dos filhos da elite japonesa terem estudado na Inglaterra. Como consequência, ocorreu a introdução do rugby nas escolas e universidades do país.

Ginnosuke Tanaka foi um dos japoneses que estudou na Inglaterra e que retornou ao país. Junto com Clarke (de nacionalidade inglesa, mas nasceu em Yokohama, Japão), eles retornaram em 1899, onde imediatamente foram lecionar na Universidade de Keio e introduziram as práticas esportivas que aprenderam na Inglaterra, dentre elas o rugby, que era o esporte preferido de ambos. Em 1901, houve a primeira partida no país, entre a equipe da Universidade de Keio, equipe de Tanaka e Clarke, e expatriados da *Yokohama County Athletics*,

---

<sup>12</sup>ESPN Scrum. (s.d.). *Errol Tobias*. Acesso em 17 de agosto de 2018, disponível em: <<http://www.espnscrum.com/timeline/rugby/player/9272.html>>.

<sup>13</sup>STUBLEY, Peter. 2018. *Siya Kolisi: Springboks' first black rugby captain walks in footsteps of Mandela to unite South Africa*. The Independent. Acesso em 17 de agosto de 2018, disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/africa/siya-kolisi-south-africa-rugby-england-black-captain-mandela-a-8391551.html>>.

<sup>14</sup>BUCHANAN, Kelly. 2014. *Rugby, Apartheid, and the Law*. Library of Congress. Acesso em 17 de agosto de 2018, disponível em: <<https://blogs.loc.gov/law/2014/01/rugby-apartheid-and-the-law/>>

com vitória dos estrangeiros, mas com uma presença significativa de público. A importância disto é que esta partida é tratada como um marco do rugby no país, dando origem ao surgimento de outras equipes nas universidades do país<sup>15</sup>.

Contudo, existem evidências de que as primeiras partidas de rugby aconteceram muito antes de 1901. Em uma publicação do *Japan Times*, Mike Galbraith (2014) conta a fundação do *Yokohama Foot Ball Club*, que data de 1866, da presença de ex-alunos de Rugby e Winchester na cidade de Yokohama e as partidas realizadas entre os estrangeiros nas décadas de 1870 e 1880, através das publicações dos jornais da época. Essas evidências tornam a história de Tanaka e Clarke como mais um caso de mito fundador, mostrando que esse fenômeno acontece em diferentes âmbitos, e que eles ajudam a escrever e justificar a história, e adotando um personagem como o fundador de algo.

A União Japonesa de Rugby surge em 1926, com mais de quinhentas equipes registradas apenas na região de Kanto<sup>16</sup> e a primeira partida da seleção nacional tem um público de 35 mil pessoas, que foram recorrentes nos principais jogos de equipes locais (ANTONIO, 2017, p. 63).

Na Argentina, o rugby teve sua difusão junto com a do futebol, por clubes fundados pela colônia britânica, da qual as primeiras partidas foram realizadas por volta de 1880. Os clubes de origem britânica foram predominantes no rugby argentino, refletindo nas lideranças das instituições organizadoras da modalidade, como na *River Plate Rugby Football Union* (que posteriormente passa a ser a *Unión Argentina de Rugby*)<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup>WORLD RUGBY MUSEUM. 2018. *Tanaka and Clarke: The friends that took rugby from Cambridge to Japan*. Acesso em 02 de janeiro de 2019, disponível em:

<<https://worldrugbymuseum.blog/2018/07/02/tanaka-and-clarke-the-friends-that-took-rugby-to-japan/>>

<sup>16</sup>Região no Japão onde se localiza a Grande Região de Tóquio.

<sup>17</sup>COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 316-18. apud ANTONIO, Victor Sá Ramalho. *Passe para trás! Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Um ponto importante para entender essa influência britânica na Argentina é o fato do país ter abrigado mais de 40.000 britânicos na década de 1910, que é um número relativamente baixo comparado com imigrantes de outros países, como a Itália, mas os britânicos se destacavam por conta do poder financeiro, já que eram em sua maioria de classe média, enquanto os italianos eram em grande parte de classe operária. Além dos imigrantes, as questões econômicas atreladas ao país europeu, com a Argentina sendo o país na América do Sul a receber o maior investimento britânico, que, apesar de não terem colonizado a terra de José de San Martín<sup>18</sup>, a sua dominância econômica tornava o país sul-americano submisso aos interesses do Reino Unido.<sup>19</sup> Essa influência britânica, no rugby, possibilitou a presença de equipes do mundo britânico, como partidas contra os *British and Irish Lions* (Seleção Britânica) e dos *Junior Springboks* (seleção B da África do Sul), além de outras equipes do Reino Unido<sup>20</sup>.

Antônio (2017, p. 66) define os resultados das visitas britânicas:

As visitas britânicas demonstram a mudança sensível dentro da composição social do rugby argentino, que acompanhou um processo de abandono do futebol em prol do rugby nas primeiras décadas do século XX da parte de clubes exclusivistas de Buenos Aires, concomitantemente à expansão do futebol entre a classe trabalhadora da cidade. Em 1910, o quadro da seleção argentina era composto inteiramente por britânicos e descendentes – incluindo Arnaldo Watson Hutton, filho do escocês Alexander Watson Hutton, uma das principais figuras no processo de introdução do futebol na Argentina. Em 1927, mais da metade da seleção era composta por indivíduos de sobrenome latino<sup>21</sup>.

Já na França, a perda da Guerra Franco-Prussiana gera uma “crise de consciência nacional”, e que teve como consequência a utilização de métodos estrangeiros de ensino, como a introdução do método ginástico alemão, de forma adaptada, em clubes de ginástica<sup>22</sup>. Mas, outro

<sup>18</sup>José de San Martín foi um dos Libertadores da América, e participou diretamente do processo de independência da Argentina da colonização espanhola.

<sup>19</sup>KNIGHT, Alan. “Britain and Latin America, 1800-1914”. In: *The Oxford History of the British Empire*, Volume 3, The nineteenth century. Oxford: Oxford Press, 1999, p. 133. apud ANTONIO, 2017.

<sup>20</sup>COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, p. 319. apud ANTONIO, 2017.

<sup>21</sup>Idem, p. 319.

<sup>22</sup>Que tinham um caráter militarizado, focado no condicionamento.

método estrangeiro foi fortemente propagado, que é o das *public schools* inglesas e os jogos com bolas, da qual a elite francesa tinha admiração, com o Barão Pierre de Coubertin como principal nome dessa corrente no país<sup>23</sup>.

Os primeiros clubes de rugby que surgiram foram os parisienses *Racing Club de France*<sup>24</sup> e *Stade Français*, em 1882 e 1883 respectivamente. Essas duas equipes participaram da criação da *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA), que foi um dos órgãos centrais para a criação dos Jogos Olímpicos<sup>25</sup>.

Fora de Paris, o rugby se espalhou pelo país, principalmente no sul e sudoeste, em cidades como Bordeaux, Toulouse, Lyon e Perpignan. Nessa região, o rugby teve um processo interessante, pois ele conseguiu sair das escolas da elite para ser um esporte dos subúrbios da classe trabalhadora<sup>26</sup>, o que difere muito do que aconteceu na Argentina, por exemplo.

Outro ponto interessante é a seleção francesa sendo inserida no *Home Nations*, que passa a ser o Cinco Nações, trazendo uma identidade nacional ao esporte e promovendo uma rivalidade regional<sup>27</sup>.

### 3.2 Jogos Olímpicos, Coubertin e Colonialismo

Em 1892, Pierre de Coubertin apresenta na Universidade de Sorbonne sua proposta de criação dos Jogos Olímpicos, e em 1894 o COI é criado, sendo formado por 13 países, que dão o início ao maior evento esportivo da atualidade<sup>28</sup>. Assim, em 1896 é realizado, em Atenas, capital

<sup>23</sup>DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, p. 22. apud ANTONIO, 2017.

<sup>24</sup>O rugby do Racing Club de France passou a ser administrado pelo Racing Metro 92 a partir de 2006, por conta de não conseguirem financiar o rugby profissional. No site do Racing Club de France, eles falam que o Racing Metro 92 “leva com brio as nossas cores, com respeito aos nossos valores e a nossa história”.

<sup>25</sup>DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, p. 41-43. apud ANTONIO, 2017

<sup>26</sup>Idem 48-49

<sup>27</sup>BODIS, Jean-Pierre. *Le Rugby en France*. Paris: Bibliotheque Historique Privat, 1987 apud ANTONIO, 2017.

<sup>28</sup>Brasil. (s.d.). *Brasil 2016*. Acesso em 14 de Abril de 2018, disponível em:

<<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/uma-disputa-milenar>>

da Grécia, o primeiro Jogos Olímpicos da Era Moderna, contando com a presença de 14 países e 9 modalidades<sup>29</sup>.

Arrighi (2017) traz uma perspectiva interessante em sua obra, ao analisar os documentos dos congressos do COI e sua formação. Para o primeiro congresso houve uma convocatória realizada pela USFSA, onde existiu uma grande presença de pessoas politicamente importantes, como príncipes, um rei e deputados, além de representantes esportivos de âmbitos nacionais, municipais, internacionais e até uma associação religiosa. Nesse congresso houve a uma divisão de seus participantes em duas comissões, uma que discutiu a organização dos Jogos e outra a questão do amadorismo. A comissão dos Jogos foi breve e clara, tendo as suas propostas aprovadas sem maiores problemas, contudo, a comissão do amadorismo apresentou diversas contradições, ajustes e exceções.

Na sua história, o COI foi formado majoritariamente por homens europeus, sem relação alguma com o esporte, na qual se tornaram membros por seu aporte financeiro e por carregar os ideais do Olimpismo (GIGLIO e RUBIO, 2017). Arrighi (2017, p. 32, tradução nossa) aponta “o período entre 1894 e 1930 como o mais aristocrático da história dos jogos olímpicos”<sup>30</sup>, onde grande parte de seus membros pertencentes à uma decadente nobreza, que via o esporte como uma forma de recuperar o prestígio social, os benefícios econômicos e a influência política de outrora. Tavares (2003) traz um ponto importante ao citar que a formação do COI por Pierre de Coubertin não foi realizada de forma democrática, sempre preocupada em manter os ideais de seu fundador, gerando tensões nas decisões. Assim, Tavares (2003) afirma que além de ser uma entidade não democrática, ela é eurocentrista, que se diz responsável pelo esporte no âmbito mundial.

---

<sup>29</sup>Olympic. (s.d.). *The Organisation*. Acesso em 14 de Abril de 2018, disponível em: <<https://www.olympic.org/about-ioc-institution>>

<sup>30</sup>“... el período de 1894 a 1930 como el más aristocrático de la historia de los juegos olímpicos.”

Corroborando com as perspectivas apresentadas, Brohm (2008) faz uma leitura das ideias de Pierre de Coubertin através documentos deixados por ele, que utilizou do olimpismo para justificar coisas como o colonialismo, racismo, desigualdade social e como ferramenta para combater a luta de classes. Coubertin via os Jogos Olímpicos como um marco de paz entre os povos civilizados, mas que se resume ao ocidente e aos povos brancos da Europa (BROHM, 2008, p. 28).

Para justificar o colonialismo e a superioridade de uma raça, Coubertin fala que:

A teoria de igualdade de raças para todas as raças humanas conduz à uma linha política contrária à todo o progresso colonial. Sem naturalmente abaixar a escravidão ou mesmo uma forma de servidão amolecida, a raça superior tem perfeitamente razão de recusar à raça inferior certos privilégios à vida civilizada[...] O dever dos mestres é de tentar elevar a raça inferior à seus próprio nível, mas um tal trabalho de educação é muito lento<sup>31</sup>.

Na sequência ele continua justificando o colonialismo, como uma benfeitoria aos povos colonizados, justificando todas as atrocidades francesas em nome da dominação de seu povo sobre os outros. O que entra em conflito com o que é dito nos congressos olímpicos, mas fica claro que ele se refere à paz entre os povos, desde que sejam brancos (BROHM, 2008, p. 35-36).

Com o entendimento das ideias de Coubertin apresentadas acima, é possível compreender melhor as três contradições do neo-olimpismo<sup>32</sup> apresentadas por Brohm (2008, p. 28): a primeira é a pretensão universalista, cosmopolita do neo-olimpismo e as declarações nacionalistas; a segunda é a tentativa de reconciliar os povos e celebrar essa amizade nas arenas esportivas ao mesmo tempo em que se tem uma visão etnocentrista, racista e colonialista; a terceira é entre os ideais olímpicos e sua complacência com uma realidade miserável, sórdida,

---

<sup>31</sup>COUBERTIN, Pierre de. *France on the wrong track*. The American Monthly Review of Reviews, 1901, p. 449 apud BROHM, Jean Marie. *Pierre de Coubertin, le seigneur des anneaux: aux fondements de l'olympisme*. Éditions Homnisphères, 2008, p. 33, tradução nossa.

<sup>32</sup>O neo-olimpismo é um movimento que trata os Jogos Olímpicos da Era Moderna como uma ferramenta de unidade dos povos através do esporte, mais especificamente através dos Jogos Olímpicos.

corrupta dos esportes de competição (doping, violência, combinados, falsificação, mercantilismo, manobras políticas e complacência com ditaduras).

É interessante notar como que Brohm traz uma visão completamente diferente sobre Coubertin, comparado com o que página do COI fala sobre o mesmo. Nessa, o ex-presidente é citado como “renomado humanista<sup>33</sup>” e é lembrado por sua indicação para o Nobel da Paz de 1936. Apesar dele já não ser mais o presidente do COI, foi o ano que os Jogos Olímpicos foram realizados em Berlim, durante o regime nazista na Alemanha. Brohm (2008, p. 57-58) traz uma carta dos nazistas responsáveis pela organização dos Jogos Olímpicos de 1936, na qual exaltam a figura de Coubertin e seus ideais. Com todas as declarações do Barão, fica fácil entender a admiração nazista à sua figura, e como suas declarações fortaleceram o extermínio de povos, não podendo ser tratado como um humanista de fato.

### 3.3 A questão do amadorismo

#### 3.3.1 No rugby

Um dos entraves que houve no rugby foi a decisão de não profissionalização da modalidade em 1895, o que gerou a cisão de alguns clubes com a RFU, na qual eram contra essa postura da entidade, acarretando na criação de uma nova modalidade posteriormente, o *Rugby League*.

A popularização do rugby pela classe trabalhadora acontece por volta da década de 1880, principalmente no norte da Inglaterra, como nas regiões de Yorkshire e Lancashire. Isso incomoda os dirigentes da RFU, pois viam que a falta de pessoas ligadas as *public schools*

---

<sup>33</sup>INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Pierre de Coubertin. *Historical Archives*, 2011. Acesso em 21 de fevereiro de 2019. Disponível em: <[https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Olympic-Studies-Centre/List-of-Resources/Resources-available/Archives/EN-Pierre-de-Coubertin.pdf#\\_ga=2.136439737.844004099.1550766368-1394463892.1550766368](https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Olympic-Studies-Centre/List-of-Resources/Resources-available/Archives/EN-Pierre-de-Coubertin.pdf#_ga=2.136439737.844004099.1550766368-1394463892.1550766368)>

desvirtuava os valores dos esportes, além das equipes do norte serem fortes e colocar em risco a hegemonia das equipes de Londres (COLLINS, 2010).

Gonzales e Stavrianeas (2013) trazem dois pontos como principais motivos para o pagamento: o *broken time*<sup>34</sup> e assegurar a lealdade do jogador como o clube. Para manter a prática do rugby entre os trabalhadores, era necessário compensar as horas fora do trabalho, utilizadas basicamente com treinos e partidas, então os clubes do norte, propõe o “*broken time*”, que foi prontamente recusada pela RFU. Como consequência, muitas equipes do norte foram suspensas, acusadas de profissionalismo, o que levou, em 1895, a separação completa dos clubes do norte, fundando a *Northern Union* (NU). A RFU, como reação proibiu que atletas e equipes tivessem qualquer relação com equipes da NU e, caso viessem a ter, os mesmos seriam banidos da RFU (COLLINS, 2006).

No quadro de dirigentes da RFU, a maioria eram ex-alunos de *public school*, porém de instituições mais recentes e status social relativamente mais baixo, como Rugby, Marlboro e Cheltenham, além de serem de uma classe média em ascensão e aburguesamento mais recente. Como comparativo, os dirigentes da *Football Association* (FA) tinham origem de *public schools* mais antigas, como Eton e Harrow, com maior prestígio social. Contudo, os dirigentes da FA não eram favoráveis ao profissionalismo, mas não viam o avanço das equipes de origem popular como ameaça, permitindo suas participações em competições, como a *Football Cup*. Mesmo no caso do futebol, o profissionalismo gerou tensões, inicialmente afastou as elites da prática, mas a evolução da modalidade envolveu a inclusão dos setores populares, sem haver uma diminuição dos setores mais ricos. Isso foi visto no Brasil, na França e na Inglaterra (ANTONIO, 2017; LOPES, 1995; DUNNIG e SHEARD, 1989 apud LOPES, 1995).

---

<sup>34</sup>Segundo MacDonald (1998, p. 89-90 apud GIGLIO, 2013, p. 153) era de fato o pagamento aos atletas pelo tempo que estavam fora do trabalho, o que permitiria os atletas das classes mais baixas competirem num nível mais elevado. Os principais opositores desta prática eram das classes superiores, que não precisavam se preocupar com o não recebimento de dinheiro durante sua prática esportiva.

Muitas coisas não ficaram claras no entrave entre o profissionalismo e o amadorismo, sendo que uma delas era a definição do que era ser um atleta amador. Collins (2006) cita os problemas encontrados nas definições da RFU que estabelece o amadorismo como uma simples oposição ao profissionalismo. Holt (1989 apud GONZALES e STAVRIANEAS, 2013) aponta que o conceito de amador e profissional não tinha relação entre o praticante e o esporte, mas que tipo de pessoa era, com o amador um *gentleman*, que respeita o adversário, jogando limpo; e o profissional como um aproveitador, que joga pelo dinheiro, fazendo de tudo pela vitória, por conta de sua origem operária.

Dentro da questão amadora, prevalecia um pensamento de que afetava não apenas a remuneração de atletas, mas até as questões ligadas ao treinamento. Por conta de uma ideia de esporte não estar voltado ao rendimento, mas uma prática pela prática, não se via necessidade de treinar, prevalecendo a ideia de que não precisa se condicionar para o esporte, mas se condiciona pelo esporte (COLLINS, 2010). Em oposição à esse pensamento, as equipes do norte inglês, essas que eram predominantemente operárias, contrataram especialistas em preparação física, que aumentou a competitividade das equipes da região, não agradando a RFU, visto que esta apresentava um *ethos* das *public schools*, além do sucesso das equipes do norte nos jogos contra as de Londres (COLLINS, 2010). Com isso, após a cisão entre *union* e *league*, ficou vedada a contratação de treinadores.

Dentro deste *ethos* amador, existe a questão do capitão, que até os dias de hoje é visto como grande importância no rugby, sendo o mesmo o líder e exemplo para as equipes, e responsável pelas decisões dentro e fora do campo. Com o entendimento do que representa o capitão, a presença de um treinador colocaria esse poder em risco, já que o mesmo não seria a autoridade máxima dentro da equipe (COLLINS, 2010).

A não profissionalização imediata do esporte, não impediu o rugby de ser popular e espetacularizado, visto que muitas alterações de regras contribuíram para tal, podendo se observar os grandes públicos que a modalidade levava aos estádios nos jogos entre selecionados nacionais e regionais (ANTONIO, 2017, p. 181). Dunning (2005 apud ANTONIO, 2017) tem um ponto importante, que mesmo sendo amador, esse esporte não deixa de ser competitivo e sério o que explica a grande presença de espectadores nas partidas da modalidade. Toledo (2000, p. 246) fala melhor sobre esse caráter amador do esporte e os motivos do amadorismo:

Ali, o futebol ou o rúgbi já estavam gestados como possibilidade de ganho social e visibilidade evidente antes do movimento de profissionalização. Esta prática amadora se transformaria e se cristalizaria numa ideologia contrária aos perigos do profissionalismo somente em contraste com o espraiamento dos esportes entre as camadas populares, que vislumbravam as possibilidades de recompensa e ganho, materiais e simbólicos, com os esportes. Portanto, esta ética amadora configurou-se mais como uma autodefesa de classe e de distinção social perante a possibilidade de ascensão social dos segmentos populares que, efetivamente, um esforço contrário ao processo de desencantamento do esporte praticado apenas por divertimento.

Apenas em 1995 houve a liberação da IRB para a profissionalização da modalidade, 100 anos após a proibição da mesma. Essa nova era do rugby mudou muitos aspectos na modalidade, como a entrada de patrocínios nas competições e a dedicação exclusiva dos atletas a modalidade

35

### **3.3.2 Nos Jogos Olímpicos**

Um dos pontos mais discutidos relacionados aos Jogos Olímpicos é a questão do amadorismo, sendo este muito controverso, envolto numa luta de poderes. Diferente da RFU, que coloca o atleta amador simplesmente como não profissional, o COI traz uma definição mais elaborada sobre o amador, que é o principal ponto de discussão nos primeiros Congressos Olímpicos.

---

<sup>35</sup>Rugby School. (s.d.). *A History of Rugby Football*. Acesso em 15 de Agosto de 2018, disponível em: <<https://www.rugbyschool.co.uk/about/history/a-history-of-rugby-football/>>

Nessa definição tem pontos muito semelhantes aos da RFU, como o contágio com profissionais e a remuneração pela prática esportiva, porém isso não era para todas as modalidades, como o caso da esgrima e do hipismo. Na esgrima, ser professor remunerado era uma questão de distinção na prática; no ciclismo existiam diversas competições entre profissionais e amadores e no hipismo amador, os prêmios em dinheiro eram uma prática comum (ARRIGHI, 2017, p. 49).

Segundo Giglio (2013, p. 118-119), essa busca pelo amador “verdadeiro” foi colocada de forma repetitiva pelo COI, que tornou a questão como parte fundamental do esporte, impondo que o atleta apenas participasse de competições por prazer, sem a busca pela remuneração, o que o autor trata como uma “reserva de mercado” para a aristocracia, já que excluía os trabalhadores das práticas esportivas.

Proni (2008) aponta que Coubertin via como necessária uma neutralidade no campo esportivo, sendo o esporte independente dos governos nacionais, o que justificava a busca por patrocinadores, que inicialmente eram monarcas e aristocratas. O público também deveria ser selecionado, o que tornou necessário a cobrança de entradas, para afastar o que o autor chama de “espectadores indesejados”.

Arrighi (2017, p. 33) traz o jogo de interesses envolto no esporte, entre os atletas e os detentores do capital esportivo, que usam o esporte para gerar riquezas. Assim, através da cobrança de entradas nos palcos esportivos, em diferentes modalidades, os organizadores dos eventos, que defendiam o amadorismo, lucravam sobre pessoas que não poderiam receber, pois não interessava-lhes a divisão dos dividendos com os protagonistas do evento. Proni (2008) aponta que o COI contava, ainda no período amador, com um grande aparato de comercialização dos Jogos Olímpicos, como a presença de placas de publicidade (a partir de 1924) e patrocinadores oficiais (com a Coca-Cola como patrocinadora em Amsterdã 1928, por exemplo).

O autor ainda traz os Jogos de Los Angeles em 1932, que possibilitou ter uma margem de lucro de 1 milhão de dólares pela organização. Isso evidencia como o amadorismo se tornou uma questão unilateral para COI, sendo apenas para os atletas, enquanto a própria entidade lucrava sobre os Jogos Olímpicos, através de pessoas que são impossibilitadas de receber.

Uma das questões centrais sobre o amadorismo é relacionado a fiscalização. Como o COI garantiria que todos eram de fato amadores? Para isso, em alguns momentos, o COI decreta que os comitês olímpicos nacionais definiriam se os atletas são amadores ou não, o que permitiu manobras para a presença de profissionais, como no futebol, que a maioria dos jogadores eram profissionais nos clubes, mas amadores nas seleções, já que as mesmas não pagavam pela presença deles (ARRIGHI, 2017, p. 128). Ainda no futebol, algumas equipes eram vinculadas a empresas, que contratavam jogadores para trabalharem de forma fictícia, com horários alternativos e sendo pagos para treinar. O Peñarol, por exemplo, surge do corte de gastos da empresa ferroviária para os esportes, e se torna uma associação exclusivamente esportiva (ARRIGHI, 2017, p. 54).

## 4. O Rugby nos Jogos Olímpicos

Nesta parte, trabalho o rugby dentro dos Jogos Olímpicos, trazendo como foram os eventos que ocorreram e os congressos e sessões do COI, para poder entender o processo que levou o rugby a se ausentar a partir de 1928.

Dentre as participações que acontecem, duas delas são prévias à Primeira Guerra e duas posteriores. Em relação aos documentos, foram analisadas as minutas dos congressos e sessões do COI no período de 1918 a 1928, buscando por informações que iriam influenciar o rugby dentro do programa olímpico.

### 4.1 Paris 1900

Nos Jogos Olímpicos de Paris 1900, apenas três equipes se inscreveram para o evento. A equipe da casa, gerenciada pela USFSA, seria correspondente à seleção francesa; a Grã-Bretanha, representada pelo *Moseley Wanderers*, que era uma equipe da região de Birmingham, na Inglaterra; e a Alemanha, representada pelo *Frankfurt Football Club*.

A competição foi realizada entre os dias 14 e 28 de outubro, na qual era para haver três partidas entre as equipes. A primeira partida foi entre franceses e alemães com vitória para da França por 27-17. No dia 21, haveria a segunda rodada, mas os britânicos não estavam aptos para jogar, não havendo a partida diante da Alemanha. A última partida foi no dia 28, entre França e Grã-Bretanha, com vitória dos franceses por 27-8, consagrando-os como campeões olímpicos, e as outras duas equipes ficaram empatados em segundo lugar.

Buchanan (1997) traz uma informação, que, nessa partida do dia 28 houve o maior público desta edição dos Jogos Olímpicos, com cerca de 6000 espectadores. É interessante notar como o rugby era capaz de atrair grandes públicos, e esse potencial não foi aproveitado para a

sua manutenção dentro dos Jogos Olímpicos, tendo em vista que ele já fica de fora do programa de Saint Louis 1904.

## 4.2 Londres 1908

Para os Jogos Olímpicos de 1908, houve a tentativa de ampliar a competição, com a participação de mais equipes, com os ingleses convidando as principais seleções do mundo, como os países do *Home Nations*<sup>36</sup>, a França e os países do hemisfério sul<sup>37</sup>. Contudo, apenas França e Austrália aceitam o convite, sendo que os franceses viriam a desistir uma semana antes dos Jogos (BUCHANAN, 1997, p. 12). Assim, ficou entre a Inglaterra e a Austrália a decisão do título olímpico.

Os *Wallabies*<sup>38</sup>, defendendo a equipe olímpica da Australásia<sup>39</sup>, estavam completos para a disputa, já que a mesma estava em tour pelo Reino Unido. Já a Inglaterra estava com problemas para jogar os Jogos Olímpicos com sua seleção, por conta de seus principais atletas terem acabado de voltar de um *tour* pela Oceania, acarretando na decisão de enviar o atual campeão dos condados, no caso a Cornualha, para representar a Grã-Bretanha (BUCHANAN, 1997, p. 13). O jogo foi realizado no dia 28 de outubro de 1908, com vitória fácil dos australianos por 32-3, sendo a única medalha de ouro da Australásia nesta edição dos Jogos.

## 4.3 Sessão - Lausanne 1919

A Sessão de 1919, realizada em Lausanne - Suíça, foi a primeira realizada após a Primeira Guerra. Nele foi decidido o próximo congresso, que seria realizado na mesma cidade, em 1921 (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 5) e a decisão

---

<sup>36</sup>Compõe o *Home Nations*: Irlanda, Escócia e País de Gales.

<sup>37</sup>Aqui me refiro às três principais equipes do hemisfério sul: Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

<sup>38</sup>Denominação dada para a seleção australiana de rugby.

<sup>39</sup>Equipe representando um combinado entre Austrália e Nova Zelândia, que participou dos Jogos Olímpicos de 1908 e 1912.

de realizar os Jogos Olímpicos de 1920 na Bélgica, na cidade de Antuérpia (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 5).

#### **4.4 Antuérpia 1920**

Para 1920, as equipes da Tchecoslováquia e da Romênia retiraram suas inscrições para o evento, e a RFU decide não participar, por conta de o campeonato local ter começado pouco tempo antes de poderem dar a resposta, o que trataram como impossível montar um selecionado com tão pouco tempo (BUCHANAN, 1997, p.13).

Sendo assim, apenas os EUA e a França mandaram suas equipes para a competição. Os estadunidenses foram representados por estudantes da Califórnia, enquanto os franceses por sua seleção nacional. A vitória foi da equipe dos EUA por 8-0.

Um dos fatos curiosos dessa partida é a presença de Daniel Carroll na equipe dos EUA, pois ele já havia participado dos Jogos Olímpicos de 1908 pela Austrália, seu país natal, se tornando o primeiro atleta bicampeão olímpico no rugby (WORLD RUGBY, 2014).

#### **4.5 Sessão - Antuérpia 1920**

Nessa sessão, aparecem algumas candidaturas para a próxima edição (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 5) e a questão sobre nacionalidade (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p.5). Para o rugby, o mais importante é a discussão sobre a redução das provas. Havia uma demanda para isso, e o conde de Baillet-Latour propôs a exclusão dos esportes facultativos e o conde Clary concordou com isso, com a exceção do rugby (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 9). Outros membros defendem a permanência de outras modalidades e fica decidido para ser resolvida essa questão no congresso de 1921 (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 11). Houve a questão das federações internacionais (SESSIONS DU

COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 15-16), que tomou o mesmo rumo das modalidades.

#### 4.6 Congresso - Lausanne 1921

O congresso de Lausanne, Suíça, em 1921 foi o último congresso antes dos Jogos Olímpicos de 1924, realizado em Paris. Neste congresso, não havia nenhum representante do rugby.

O congresso se divide em duas comissões, uma do amadorismo e outra do programa olímpico. A comissão do programa fala em reduzir o mesmo, por conta dos custos para os países menores (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 6, 1921).

Dentro dessa comissão, tem uma sessão exclusiva que discute o rugby (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 19, 1921. Tradução nossa):

**O presidente** (da comissão) anuncia que o rugby quer ser admitido como um esporte efetivo.

**O Conde de Baillet-Latour** observa que são necessários ao menos 6 equipes, e lembra que a Inglaterra compete por um só país, no que se refere à esse esporte.

**Sr. Reichel** acredita que o Rugby não foi um sucesso na Antuérpia pois era uma modalidade facultativa. Se for do programa, os competidores virão.

**Sr. Seeldrayers** cita que se a Inglaterra não mandar uma equipe própria, a Escócia, o País de Gales ou a Irlanda podem enviar uma.

Ele estima que o Rugby é um grande esporte que merece figurar no programa, tanto quando o futebol.

**Sr. Rudd** acha que se países como a África do Sul e a Austrália não puderem enviar equipes à Europa, os países europeus conseguirão fazê-lo.

**Sr. Muhr** disse que a Inglaterra pode enviar uma equipe misturada (British and Irish Lions), como fez nos tours à Austrália.

**Sr. Kirby**, apoiado pelo Sr. Seeldrayers, propôs admitir o Rugby como um esporte definitivo. (Aprovado por grande maioria)<sup>40</sup>

<sup>40</sup>“**Le Président** annonce que le Rugby désire être admis comme sport effectif. **Le Comte de Baillet-Latour** remarque qu'il faut au moins 6 concurrents, et il rappelle que l'Angleterre compte pour un seul pays, en ce qui concerne ce sport. **M. Reichel** trouve que si le Rugby n'a pas eu de succès à Anvers, c'est parce qu'il s'agissait d'un sport facultatif. S'il est fixé au programme les concurrents viendront. **M. Seeldrayers** signale que si l'Angleterre proprement dite ne désigne pas une équipe, l'Ecosse, le Pays de Galles ou l'Irlande peuvent en envoyer une. . . Il estime que le Rugby est un grand sport qui mérite de figurer au programme, autant que l'Association. **M. Rudd** trouve que si des pays comme l'Afrique du Sud et l'Australie peuvent envoyer des équipes en Europe, les pays d'Europe peuvent le faire. **M. Muhr** dit que l'Angleterre peut envoyer une équipe mixte comme elle l'a fait précédemment dans son envoi d'équipe en Australie. **M. Kirby**, appuyé par **M. Seeldrayers**, propose d'admettre le Rugby comme sport définitif (Adopté à una grande majorité).”

Assim, fica definido o rugby como uma modalidade oficial do programa. Isso se confirma nas regras gerais dos Jogos Olímpicos (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 24, 1921).

Ainda dentro das regras gerais, existem vários pontos que são intrigantes, como o fato das federações internacionais serem responsáveis pelas competições de cada modalidade, como o número de concorrentes (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 25, 1921) ou até pela definição de amador de cada esporte (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 22, 1921), o que torna o rugby mais peculiar, por não estar presente na lista de federações internacionais. Fica a questão: quem seria o responsável pelo rugby nos Jogos Olímpicos?

No mesmo documento, mas numa outra sessão, apresenta um ponto que explica a ausência da IRB na lista de federações internacionais. Na sessão do dia 5 de junho de 1921, é tratada a definição de federação internacional, que (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 30, 1921. Tradução nossa):

1° São conhecidas como Federações Internacionais as mesmas que já foram listadas na reunião do dia 4 de junho de 1921.

2° Quanto à novas federações, para serem reconhecidas, devem estar aberta a todos os países, e não apenas para certos grupos de países, raças ou classes sociais.<sup>41</sup>

Com essa definição, a IRB fica impossibilitada de estar listada dentro das federações internacionais, já que ela é restrita às equipes da Escócia, País de Gales, Irlanda e Inglaterra, angariando novos filiados apenas em 1949<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup>“1° Sont reconnues comme Fédérations Internationales, les Fédérations Internationales dont la liste a déjà été dressée en séance du 4 juin 1921. 2° Quant aux Fédérations nouvelles, elles devront, pour être reconnues, être ouvertes à tous les pays, et non uniquement à certains groupes de pays, de races ou de classes sociales.”

<sup>42</sup>WORLD RUGBY. *World Rugby Year In Review*. 2017. Dublin. p. 48-49. Disponível em: <<http://publications.worldrugby.org/yearinreview2017/en/48-1>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

## 4.7 Paris 1924

O último Jogos Olímpico com a presença rugby XV houve a presença de apenas três equipes: EUA, França e Romênia. A Inglaterra se recusou novamente de participar.

A primeira partida foi entre França e Romênia, com vitória dos donos da casa por 61-3. Na segunda rodada os romenos enfrentam os EUA, com outra derrota, desta vez por 37-0. Vale ressaltar que a equipe romena não apresentou uma preparação condizente com os Jogos Olímpicos, viajando em péssimas condições, pois os próprios atletas bancaram a os custos da participação olímpica, além de existirem apenas 240 jogadores de rugby cadastrados em toda a Romênia em 1924 (BUCHANAN, 2017, p. 13).

Com isso, a decisão da medalha olímpica ficou entre França e EUA, reeditando a final de 1920. A partida realizada no “*Stade Colombes*”<sup>43</sup>, contou com um público de cerca de 50 mil, que esperavam a revanche francesa sobre os estadunidenses, que saíram decepcionados por conta de outra vitória dos EUA, por 17-3 (WORLD RUGBY, 2014).

## 4.8 Congresso - Praga 1925

O congresso realizado em 1925 na cidade de Praga, Tchecoslováquia<sup>44</sup>, teve 14 pautas, mas a principal delas, para essa pesquisa, é a que fica responsável pela redução do programa dos Jogos. Esse também é o último congresso antes dos Jogos Olímpicos de Amsterdam, 1928.

Como ponto de partida para a análise dos documentos, foi verificado se havia a presença de algum membro ligado ao rugby, desde federações nacionais, clubes ou da IRB. No caso, nenhum dos participantes eram ligados à uma dessas entidades.

---

<sup>43</sup>Atualmente é o *Stade Olympique Yves-du-Manoir*, foi palco de três partidas da Copa do Mundo de Futebol de 1938, incluindo a final entre Itália e Hungria. Pertencia ao *Racing Club de France*, sendo utilizado até 2017, quando a equipe se muda para sua nova casa, a *Paris La Défense Arena*.

<sup>44</sup>A Tchecoslováquia foi dissolvida em 1993, gerando dois países, a República Tcheca, na qual Praga é a capital, e a Eslováquia, cuja capital é Bratislava.

O presidente do COI, Conde Henri de Baillet-Latour, na sua fala inicial expôs as dificuldades e que os representantes nacionais achavam o programa olímpico muito extenso, que necessitava de uma redução (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p.24, 1925). Em seguida o COI traz a proposta do programa<sup>45</sup> (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p.33, 1925) na qual os esportes obrigatórios são escolhidos pelo COI e os facultativos pelo comitê organizador. Edström<sup>46</sup>, fala que começou tirando as federações que não demonstraram interesse na continuação dos jogos e que a redução do programa é vital para os países menores (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p. 35, 1925).

Um dos pontos importantes para a definição dos esportes presentes nos Jogos Olímpicos é a utilização das regras definidas pela federação internacional da modalidade (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p. 42, 1925). A definição de federação internacional é a decidida no congresso de Lausane em 1921.

#### **4.8 Sessão - Praga 1925**

O fato mais importante dessa sessão foi a decisão do novo presidente do COI, que é designado para o conde de Baillet-Latour, no dia 19 de maio de 1925 (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 20).

#### **4.9 Sessão - Lisboa 1926**

Aqui houve uma questão importante, que é a negociação de algumas federações internacionais com o COI para a sua manutenção dentro do programa olímpico. As federações internacionais de futebol, tênis e remo<sup>47</sup> mantinham interesse, mas o COI não garantiria a

---

<sup>45</sup>Estavam inclusos: atletismo, ginástica, boxe, esgrima, luta olímpica, remo, natação, equitação, pentathlon moderno, futebol e os concursos de artes.

<sup>46</sup>Membro do COI que viria a ser presidente em 1942.

<sup>47</sup>O tênis não aparece no programa de 1928, enquanto o futebol e o remo se mantêm até os dias de hoje.

permanência dos mesmos a partir de 1928 (SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 12).

## 5. Conclusão

Segundo a *World Rugby* (2014), o rugby saiu dos Jogos Olímpicos, pois o presidente do COI, o conde Baillet-Latour, não gostava dos esportes coletivos, diferentemente de Coubertin que era um entusiasta do rugby, tratando a saída do rugby dos Jogos Olímpicos como arbitrária.

Utilizando uma visão mais contemporânea, que não está nos documentos, mas que deve ser lembrado é a própria estrutura do rugby e dos Jogos Olímpicos. O rugby é disputado normalmente nos finais de semana, além de necessitar de um período maior de descanso que outras modalidades. Como parâmetro para essa afirmação, tomemos as Copas do Mundo de Rugby, que a partir das quartas-de-finais, as partidas são realizadas apenas nos finais de semana e as competições de clubes, que também são jogadas apenas nos finais de semana. Isso implica na impossibilidade de existirem muitas equipes no rugby XV dentro de um programa olímpico, já que ele deve ser realizado entre três finais de semana, tornando o rugby 7s como alternativa viável para o rugby num programa olímpico, que acontece em 2016.

Tomando os eventos que aconteceram, o rugby foi um fracasso dentro dos Jogos Olímpicos, por não ter conseguido trazer as principais seleções do mundo, apesar de ter um grande público nas edições realizadas na França. Podemos notar que a França<sup>48</sup>, a Grã-Bretanha<sup>49</sup> e a Australásia<sup>50</sup> como as únicas equipes do atualmente denominado primeiro *tier*<sup>51</sup> a participarem dos Jogos Olímpicos, além da recusa de equipes como Nova Zelândia e África do Sul e das equipes do *Home Nations*. Podemos falar dos custos gerados para o deslocamento das

---

<sup>48</sup>Esteve presente em três edições, sendo duas realizadas em casa, foi o país com mais participações.

<sup>49</sup>Com a equipe da Inglaterra, com duas participações, mas nenhuma com sua seleção principal.

<sup>50</sup>Defendida pelos *Wallabies* em uma edição.

<sup>51</sup>*Tier* é uma classificação usada dentro do rugby para classificar as seleções do mundo, com o primeiro sendo composto pelas equipes do *Six Nations* e do *Rugby Championship*; o segundo por: Canadá, EUA, Uruguai, Namíbia, Romênia, Geórgia, Japão, Fiji, Samoa e Tonga; e o terceiro pelas nações emergentes: Brasil, Portugal, Espanha, Alemanha e Rússia. O primeiro e o segundo são compostos por seleções que participaram da Copa do Mundo de 2015 e o terceiro por equipes que a *World Rugby* trata como postulantes para as Copas de 2019 e 2023 (WORLD RUGBY, 2017).

delegações para a participação olímpica eram altos e inviabilizavam a competição, mas vale lembrar que já existia uma tradição de realizarem tours em outros continentes, como os realizados pelo *British and Irish Lions* e pela Austrália em 1908, que foram decisivos para o resultado nos Jogos Olímpicos das duas equipes no mesmo ano.

Pelos documentos do COI, como ponto inicial, utilizei a lista de presença dos encontros, como sessões e congressos realizados no período estudado, para saber quem estava presente e se havia alguém relacionado ao rugby. Em todos os documentos analisados, nenhum membro do rugby, levando em conta federações nacionais, internacionais e clubes, estava listado. Se considerarmos Pierre de Coubertin, que tem sua história ligada com o rugby, por sua admiração a Thomas Arnold e por ter sido árbitro do esporte, teríamos um membro, que não aparece nas discussões relacionadas ao esporte. Essa ausência de pessoas acarretou na impossibilidade do rugby se defender e justificar sua participação dentro do programa olímpico. Outras modalidades tiveram problemas semelhantes dentro dos Jogos Olímpicos, mas estavam mais ativos dentro dos eventos, como é o caso do futebol e do tênis, que seriam excluídos, mas rebateram a decisão do COI, com sucesso apenas para o futebol.

Dentro das reuniões, duas questões importantes são levantadas, que fazem o rugby uma forte modalidade para ser excluída: a diminuição do programa e a retirada das federações que não estavam interessadas. A diminuição do programa é uma proposta levantada principalmente por países nórdicos (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p. 24, 1925), que apresentavam uma população pequena, mas que contavam com certo prestígio dentro do COI, tratavam como inviável o custeio de delegações muito grandes, tornando os esportes coletivos, que necessitam de mais pessoas para a disputa, grandes postulantes à saírem do programa olímpico. A retirada das federações que não estavam interessadas é um dos pontos que mais jogam contra o rugby dentro dos documentos, pois essa falta de interesse não tem como ser

rebatida, pois IRB e federações nacionais não estavam nas reuniões, como dito no parágrafo anterior, que ao meu ver evidencia a pouca importância dada aos Jogos Olímpicos.

Por último, temos questão relacionada a federação internacional. No *Congrès Olympique Technique de Lausanne* (1921), existe um levantamento das federações reconhecidas pelo COI. Essas federações são responsáveis pela organização das provas, regras, competidores etc, nas respectivas modalidades que essa federação representa e sua ausência impede da modalidade estar dentro do programa. Além dessa relação, existiam os pré-requisitos para que uma nova federação fosse reconhecida pelo COI, que incluíam a abertura para qualquer país, sem distinção de raça ou classe social, não restrito à determinado grupo (CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 30, 1921). O rugby não preenchia os requisitos para ambas as questões, já que não estava dentro das federações listas e sua federação estar restrita aos países do *Home Nations* impugnavam qualquer possibilidade de estar entre as federações reconhecidas pelo COI.

O período estudado é um período de pós-guerra, que houve grandes mudanças dentro dos esportes comparados aos primeiros Jogos Olímpicos, precedentes a Primeira Guerra. A exigência de regras comuns para todos era primordial para as pretensões universalistas que o neo-olimpismo tinha, que na época se firmava como representante máxima do esporte mundial, e conseqüentemente exigia que as federações fossem mais organizadas e mais abrangentes<sup>52</sup>. Com isso, podemos entender os motivos que levaram o rugby sair dos Jogos Olímpicos nesse momento, já que a IRB não era uma federação internacional de fato e não representava o rugby no mundo, já que tinha apenas quatro membros filiados.

Algumas questões não ficam claras e devem ser pesquisadas mais profundamente, como o que a IRB falava sobre os Jogos Olímpicos? Por que nenhuma federação nacional ou a IRB

---

<sup>52</sup>Abrangentes no ponto de vista de terem mais filiados, não exclusiva para um determinado grupo.

tinha representantes nos congressos? Como as federações nacionais de rugby se relacionavam com a IRB em relação aos Jogos Olímpicos? Por que apenas quatro filiados até 1949 na IRB? Por que as federações nacionais não criaram uma federação internacional independente? Como a ausência dos Jogos Olímpicos interferiu no desenvolvimento do rugby como esporte?

Portanto, concluo que o rugby tinha um espaço dentro do movimento olímpico que não foi aproveitado, tanto pela IRB quanto pelas federações nacionais, que culminou em eventos pouco atrativos no ponto de vista esportivo, já que as principais equipes não estavam presentes. A sua exclusão a partir de 1928, diferente do que a *World Rugby* prega, não foi por uma decisão autoritária por parte do COI, mas um descaso por parte dos dirigentes do rugby, que não estavam presentes nas reuniões do COI e não havendo um contraponto com a decisão tomada pelo congresso, a sua permanência no programa olímpico seria um devaneio, já que a grande maioria das federações estava presente, e mesmo assim não garantiria a sua presença dentro do programa.

## 6. Referências

ANTONIO, Victor Sá Ramalho. **Passe para trás! Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15082017-140135/>>. Acesso em: 20 de Abril de 2018

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Edusc, 2006.

ARRIGHI, Pierre. **Los juegos olímpicos nunca fueron amateurs: Poderes y reglamentación en las olimpiadas de 1894 a 1930**. BoD-Books on Demand, 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Zahar, 2002.

BROHM, Jean Marie. **Pierre de Coubertin, le seigneur des anneaux: aux fondements de l'olympisme**. Éditions Homnisphères, 2008.

BUCHANAN, Ian. Rugby Football at the Olympic Games. **Journal of Olympic History**, v. 5, n. 1, p. 12-14, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, c2000. p.9-10, il. (História do povo brasileiro). ISBN 8586469270 (broch.).

COLLINS, Tony. The Ambiguities of Amateurism: English Rugby Union in the Edwardian Era. **Sport in History**, v. 26, n. 3, p. 386-405, dez. 2006. ISSN 1746-0271.

COLLINS, Tony. Amateurism and the Rise of Managerialism: The Case of Rugby Union, 1871–1995. **Sport in History**, v. 30, n. 1, p. 104-120, mar. 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric; E SILVA, Maria Manuela Almeida. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GALBRAITH, Mike. 1866 and all that: the untold early history of rugby in Japan. **The Japan Times**. 15 de março de 2014. Acesso em 02 de janeiro de 2019, disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/life/2014/03/15/lifestyle/1866-and-all-that-the-untold-early-history-of-rugby-in-japan/#.XBp3vFVKipo>>

GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 291-305, dez. 2017. ISSN 1981-4690. Disponível em: <<https://www.periodicos.usp.br/rbefe/article/view/141778>>. Acesso em: 20 apr. 2018.

GONZÁLEZ, Javier Gálvez; STAVRIANEAS, Stasinos. El rugby amateur en la Inglaterra del S. XIX: ¿ filosofía o manipulación social?. **Materiales Para La Historia Del Deporte**, p. 78-88.

LOPES, José Sergio Leite. O esporte: de tema “menor” a elo importante de um processo de civilização. **MANA Estudos de Antropologia Social**. v. 1, n. 1, p. 141-165, out. 1995.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, p. 1-35, 2008.

WORLD RUGBY. **History of Rugby in the Olympics**. [S. l.], 9 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.world.rugby/olympics/history>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

WORLD RUGBY. **High Performance Playbook 2016–2020**. Dublin: World Rugby Limited 2017, 2017. Disponível em: <<https://www.world.rugby/documents/high-performance>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

## 6.1 Fontes

CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, 1921, Lausanne. **Procès Verbal du Congrès Olympique Technique**. Paris: Imprimerie V. Barré, 1921.

CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE 1925, 1925, Praga. **Procès Verbal du Congrès Olympique Technique**. Praga: Impresso pelo Estado de Praga, 1925.

SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1919, Lausanne. **Procès-verbal 18° Session - Retranscription** [...]. [S. l.: s. n.], []. [Documento sem valor oficial].

SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1920, Antuérpia. **Procès-verbal 19° Session - Retranscription** [...]. [S. l.: s. n.], []. [Documento sem valor oficial].

SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1925, Praga. **Procès-verbal 24° Session** [...]. [S. l.: s. n.], [].

SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1920, Lisboa. **Procès-verbal 25° Session - Retranscription** [...]. [S. l.: s. n.], []. [Documento sem valor oficial].